

8 — JORNAL

Sábado, 2-5-87 — O ESTADO DE S. PAULO

Eficiência, só para a manutenção do poder.

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Titular de Direito Econômico da
Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e
Conselheiro da OAB-Seccional de São Paulo.

A nova classe ociosa, constituída dos integradores e da classe vicária, que é a política, oferta imagem de muita operosidade e pouco resultado. É que a operosidade da classe ociosa não se constitui em trabalho produtivo, mas apenas gera aumento de seus tentáculos para sustentação do poder. A multiplicação de ministérios, de empresas especializadas em planejarem outras empresas especializadas, de repartições, departamentos, secretarias e agências de múltipla atuação ineficiente, é a característica que transforma a estrutura em que vive a nova classe ociosa em máquina inerte, inoperante, inócua, iníqua e inútil.

Os integradores da nova classe inviabilizam qualquer projeto digno pela superposição de funções, cargos e pessoas, de tal maneira que os despiciendo controles das variadas formas de execução orçamentária de seus planos redundam, de rigor, em custos sempre superiores aos programados e resultados inferiores aos prometidos.

A nova classe ociosa, entretanto, não necessita de eficiência. Eficiência apenas se exige para a manutenção do poder. E o poder é sempre auto-justificado, independentemente de ser destinado ao bem da comunidade. O bem da comunidade é o que menos importa. Importa, no máximo, se tal bem representar prestígio para a nova classe ociosa. Se, entretanto, o projeto para a comunidade puder provocar certa impopularidade futura para a nova classe ociosa, embora traga dividendos no início, o amor ao poder é maior que o amor à comunidade e o populismo termina por sacrificar o bem da comunidade.

A nova classe ociosa, constituída pelos integradores e pelos políticos, tem no Estado um fim de auto-realização e não um meio a serviço do povo. Por essa razão, se este é sacrificado, pelo peso dos tributos e das interven-

ções indevidas, tal fato não sensibiliza a nova classe ociosa, posto que empregados e empresários pertencem à classe inferior dos servidores e não ao grupo encarregado de planejar o governo. E os inferiores nasceram para sustentar, suportar e beneficiar a classe dos superiores, ou seja, dos governantes.

A nota dominante, todavia, da estrutura que suporta a nova classe ociosa é sua inércia em tudo. A mão da nova classe ociosa tudo consegue contaminar. Se cria empresas, estas empresas são menos eficientes que as privadas, eis que enquanto estas buscam lucro, aquelas buscam prestígio. Enquanto estas são apenas econômicas, aquelas são econômicas e políticas. Enquanto estas vão à falência, se mal administradas, aquelas quanto mais mal administradas mais crescem.

Roberto Campos afirma que a diferença entre as economias socialistas e as capitalistas reside em que naquelas os ideais são melhores que os resultados e nestas os resultados melhores do que os ideais.

Se cria órgãos de fiscalização tributária, de preços, de meio ambiente, tais órgãos antes complicam que facilitam a vida do povo, visto que, a par de produzirem dificuldades para venderem facilidades, exigem a oneração da sociedade para manter especialistas capazes de dialogar com a democracia dos controladores, em que o direito muitas vezes cede lugar ao arbítrio ou às soluções de conveniências muitas, com doações recíprocas, sempre à margem da lei. O custo do aparato, todavia, termina por afetar o nível de vida da classe não ociosa, que os integradores e os políticos consideram como uma espécie de escravos medievais de gleba, em sua nova versão do século XX.

A nova classe ociosa, por outro lado, vive de auto-emulação. Como os cargos multiplicam-se para que o seu poder não seja per-

didado devem ser multiplicados, abrindo espaços para outros integradores e políticos — a nova classe ociosa considera mais relevante viver de solenidades em solenidades do que trabalhar muito em projetos sem repercussão. Sabem os integradores e políticos que seu crescimento depende da forma como a imprensa falada, escrita e televisionada veicula seus nomes e seus feitos. Por isto a nova classe ociosa, sobre fazer tudo para aparecer, apenas busca atividades em que apareça.

Sob outro prisma, tem a nova classe ociosa a certeza de que é invulnerável. Se alguém se introduz na nova classe ociosa para corrigi-la, reduzir o tamanho de sua máquina, reorientar funções, dar eficiência e equilíbrio aos planos e decisões, permitindo que venha a trabalhar, como trabalham empregados, empresários e governados, este intruso é expellido, não resiste ao impacto dos que, enquistados no poder e nos privilégios, lançam a força da inércia burocrática e da inadmissibilidade oficial sobre o ingênuo e bem-intencionado patriota.

Montesquieu, ao pretender, na teoria da separação dos poderes, que o poder controla-se o poder, partira do princípio de que o homem no poder não é confiável. Vive, em verdade, para si mesmo, mais do que para os governados, e é, com o tempo, cercado apenas dos que, zangões da nova classe, outra coisa não fazem do que participar da corte inútil, como os nobres companheiros de caça, ao tempo das monarquias absolutas.

O que Montesquieu não imaginou, no seu "De l' esprit des lois", foi que a tecnoburocracia, no futuro, superaria a forçados políticos e o controle do poder pela sua separação se diluiria. Em verdade, a tecnoburocracia, hoje, penetrou nos três poderes e nenhum deles controla o outro, pois todos são controlados pela classe dos integradores.